

## Gaia e os elementos do eu<sup>1</sup>

Rayanne ALBUQUERQUE<sup>2</sup>

Fernanda CAPIBARIBE<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### RESUMO

“Gaia e os elementos do eu” é uma fotografia que vem representar os atravessamentos da natureza na existência dos sujeitos, trazendo à reflexão os dialogismos entre o corpo humano e os organismos ecossistêmicos como parte de uma superestrutura possível e indissociável. Constituída através da técnica de sobreposição digital das imagens, a fotografia resultante tem com o propósito se apresentar como um espelhamento das macroestruturas de Gaia refletidas na existência humana, provocando, graças ao cunho artístico da imagem, a sensação de complementariedade entre o sujeito retratado e o meio natural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia artística; fotomontagem; sobreposição; cibercultura; gaia.

### 1. INTRODUÇÃO

A existência humana se atrela fortemente às suas crenças. Isso porque, com o papel de sujeitos ou de sociedade, temos que elaborar verdades para construir uma realidade que faça o mundo ter sentido – como, por exemplo, o motivo de estarmos na terra, o motivo de o céu ser azul e as explicações gerais a respeito de como a vida no planeta acontece. Todas essas elaborações que norteiam a da vida colaboram para que possamos continuar acreditando no nosso próprio *existir*.

É impossível viver sem representações valorativas e lógicas, neste sentido, a vontade de verdade, isto é, a busca e valorização da verdade acima da ilusão, seria uma forma de autopreservação e possuiria uma função reguladora. (CAMARGO, 2008, p.04)

Nesse sentido, a manifestação dos desejos de representar o dia a dia nas pinturas rupestres do Paleolítico são os primeiros indícios dessa necessidade de conjurar a existência humana por meio da representação da realidade, manifestando o cunho transcendente da ação, visto que ela conectava os sujeitos diretamente com suas crenças.

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Fotografia artística.

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: rayanne.albuquerque@outlook.com.br.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora do Curso Fernanda Capibaribe, e-mail: fernanda.capibaribe@gmail.com.

O desenvolvimento social e os avanços do capitalismo cooperaram para que as representações dos sujeitos no mundo se metamorfoseassem, sendo atravessadas por diversas técnicas, principalmente as de reprodução. Isso fez com que elas se tornassem cada vez mais importantes, visto que cooperavam – e ainda hoje cooperam – para a construção de identidades individuais e coletivas.

À xilogravura, na Idade Média, seguem-se à estampa em chapa de cobre e a água-forte, assim como a litografia, no início do século XIX. Com a litografia, a técnica de reprodução atinge uma etapa essencialmente nova. (...) Mas a litografia ainda estava em seus primórdios, quando foi ultrapassada pela fotografia. Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho. (BENJAMIN, 1955, p. 01)

A partir da introdução da fotografia no cotidiano das redações para a construção do jornal ilustrado, o uso da fotografia foi inaugurado “(...) pela polícia parisiense no cerco aos *communards*, em junho de 1871, as fotos se tornaram útil ferramenta dos Estados modernos na vigilância de suas populações cada vez mais móveis.” (SONTAG, 2004, p. 16).

As muitas transfigurações do papel das imagens ao longo dos séculos colaboraram para a resignificação da fotografia. Na contemporaneidade, graças ao ciberespaço, se tornou cada vez mais fluida a maneira de produzir, modificar, veicular e baixar imagens fotográficas, visto que o processo no mundo virtual é dinâmico. As possibilidades e apropriações com a fotografia, nesse sentido, vão ser múltiplas, ao ponto de não mais podermos estancar a fotografia como simplesmente documento ou arte, mas como expressão de um mundo em constante transformação e que na imagem fotográfica se funde no imaginário artístico-documental.

Da mesma maneira que se modificou a maneira de pensar fotografia, atualmente vêm sendo modificadas as formas de pensar os direitos autorais das muitas imagens produzidas a partir da cultura cibernética. Do *copyright* – direitos autorais de exploração exclusiva do autor –, partiu-se para o *creative commons* – licencia o uso das obras, mas com algumas restrições. Indo mais adiante, nas duas últimas décadas a comunidade virtual fala a respeito do *copyleft* (LEMOS, 2004), onde várias pessoas podem modificar e contribuir com um mesmo software, acompanhando as possibilidades híbridas e dinâmicas que se instauram com a circulação das imagens fotográficas em rede.

Um dos grandes bancos de dados imagéticos do mundo virtual, We Heart It, possui políticas de *copyleft* para o seu conteúdo. Assim, pessoas depositam, compartilham e fazem

download gratuito de fotografias, podendo utilizá-las de maneiras distintas. O *copyleft* tem colaborado assim para o fomento de uma cultura cibernética, sendo um dos fatores que instaura uma lógica de produção cooperativa em grande fluxo através das redes.

Em meio a essas mudanças de ordem cultural e tecnológica, o imaginário mítico resistiu ao pluralismo e transformaram-se os sonhos das muitas culturas quase que numa só, frente à globalização das artes populares na comunicação contemporânea. (RAHDE, CAUDURO, 2007, p.07)

O presente trabalho vai ser desenvolvido, portanto, com base em uma fotografia emergente desses processos cibernéticos que surgiram na contemporaneidade e que busca junto às artes traduzir o sentimento do mundo contido do *eu* dos sujeitos.

## 2. OBJETIVO

Como todas as tecnologias que vão sendo incorporadas ganham novos significados e utilizações no meio social, assim também aconteceu com a fotografia, que expandiu da documentação para representações artísticas, como a manipulação existente na fotomontagem.

En los libros de divulgación del siglo XIX sobre “divertimentos fotográficos” y fotografías retocadas se habla con entusiasmo de doble exposición, de “fotografías de espíritus” (...) de doble impresión y de fotografías compuestas. Recortar y pegar imágenes fotográficas solía formar parte del universo de los pasatiempos populares: postales cómicas, álbumes de fotografías, pantallas y recuerdos militares. (ADES, 2002, p.07).

A fotografia e técnicas que lhe circunscrevem vêm ser a instrumentalização fundamental para levar questões históricas à diante. O objetivo “Gaia e os elementos do eu” é, portanto, versar sobre as diversas representações dos fenômenos da natureza na existência dos sujeitos, engendrados em seus corpos, observando, dessa maneira, as vulnerabilidades do indivíduo. Além disso, busca pautar questões que vêm ganhando ênfase especial na contemporaneidade, sendo algumas destas o *copyleft* e as novas formas de composição artísticas e autorais, a simbiose homem-natureza, além de versar, em suas entrelinhas, sobre a origem da vida.

## 3. JUSTIFICATIVA

A imagem foi produzida a partir de uma atividade da disciplina “Introdução à Fotografia”. O trabalho consistia em desenvolver um ensaio partindo do *Efêmero-eterno: diário fotográfico*, no qual os estudantes deveriam retratar seus/suas companheiros/as de turma, tentando enxergar neles/as aquilo que compreendesse parte de sua permanência na imagem através de efemeridade que compreende o registro fotográfico. Partindo da demanda deste trabalho é que uma série de imagens foi produzida, incluindo a intitulada por *Gaia e os elementos do eu*, fotografia apresentada neste trabalho.

Optar pela composição artística da fotografia foi uma forma de manifestar a existência pouco óbvia dos indivíduos, suas muitas camadas que não cabem em um simples registro fotográfico. Partir para sobreposições e composições que mesclam as particularidades de Gaia às do humano é dar indícios dessa transcendência e afirmar a existência de uma arte por trás de todos os elementos naturais, bem como daqueles que compõem as particularidades de cada sujeito.

Para uma maior aproximação dos elementos foi fundamental o modelo retratado se encontrar seminú. Essa ação foi uma tentativa de aproximá-lo do ponto inicial da vida, algo mítico que se assemelhasse a uma das teorias da origem da terra, sendo este ponto o Jardim do Éden. Esta seminudez teve também a intenção de transgredir a violência simbólica que o sociólogo francês Pierre Bourdieu pontua em seu livro *A dominação masculina* (2002). Para além deste livro, o mesmo autor, no artigo *O camponês e seu corpo* (2006) aborda mais uma vez as coerções sociais que o corpo sofre, desta vez com foco no corpo masculino, contando como é cobrada a postura firme, máscula, inflexível e viril – cobranças essas que atingem também o corpo feminino, como, por exemplo, as pressões à feminilidade, delicadeza e postura submissa.

Trazer o corpo seminú na fotografia produzida em estúdio é, sobretudo, um apelo ao rompimento dessas categorizações e cobranças sociais que desejam que o corpo se eduque, se enquadre, se encaixe, e, sobretudo, que se cale.

O corpo seminú aqui representa voz, transcendência e unidade com Gaia, tida como a origem da vida. Elementos esses que por meio da composição artística puderam se manifestar no meio acadêmico através da fotografia “Gaia e os elementos do eu”.

Através dessa iniciativa, a fotografia resultante da atividade foi dando origem a outras experimentações que partiram desse corpo retratado. As sobreposições, nesse sentido, foram transformando esse corpo desnudo em outros corpos simbólicos, associados a elementos e situações que estão ligadas ao nosso estar no mundo, aos nossos desejos e

frustrações. Essas experimentações me permitiram visualizar uma potência nas técnicas de sobreposição, ao ver esse corpo retratado inicialmente sendo expandido, transmutado a outros espaços de reflexão e interpretação.

#### **4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A metodologia utilizada para compor a imagem resultante se deu, primeiramente, através do processo de registro da fotografia que serve de base para a composição da imagem final. Sua captura se deu no estúdio de fotografia da UFPE, na segunda feira, três de novembro, às 16h40, aproximadamente.

Foi utilizada uma câmera digital (DSLR), sendo essa Cânon EOS Rebel T3i, com objetiva zoom EF-S18-55mm f/3.5-5.6 IS II. Com 35.0mm de distância focal, flash desligado, diafragma em  $f/4.5$ , ISO 400 e obturador em  $1/20$ . Suas dimensões: 3456x5184, sendo 3456 pixels horizontais e 5184 pixels verticais, gerando um arquivo originalmente com 2.7MB, capturado em preto e branco e em formato JPEG.

Para sua produção todas as luzes do ambiente foram desligadas com o fim de proporcionar um fundo infinito mais denso. Em seguida, uma única fonte de luz gerada por um Snoot para produzir uma luz frontal mais dura e concentrada foi utilizada.

A segunda imagem, extraída do site We Heart It, tem 499x736, sendo 499 pixels horizontais e 736 pixels verticais, originando uma imagem de 56,4KB no total. A imagem resultante dessas gerou um arquivo em PNG cujas dimensões são 3456x5184, com 10.3MB.

#### **5. DESCRIÇÃO DO PROCESSO**

As imagens utilizadas para compor a fotografia tratada neste trabalho surgiram de duas fontes diferentes, como supracitado. Uma produzida segundo a demanda das atividades da cadeira Introdução à Fotografia, que teve como temática o Efêmero-eterno: diário fotográfico, proposta que visava retratar colegas de sala com o objetivo de capturar os elementos que se perpetuam e esgotam em cada ser, como descrito no item 3. A outra provida por meio do site We Heart It, banco de imagens que recebe colaboração de milhões de pessoas ao redor do mundo. O site em questão permite download gratuito dos conteúdos partindo dos princípios de *copyleft*, acordo no qual se torna possível a modificação e distribuição livre de um software para utilização de terceiros, o que, na cibercultura, muito tem contribuído para difusão e propagação da cultura em geral.

A cibercultura está pondo em sinergia processos de cooperação, de troca e de modificação criativa de obras, dada as características da tecnologia digital em rede. Esses processos ganharam o nome genérico de “copyleft”, em oposição à lógica proprietária do copyright que dominou a dinâmica sociocultural dos mass media. (LEMOS, 2004, p. 03).

O processo de formação da imagem resultante se deu primeiramente a partir da captura da imagem que serviu de base, fotografia essa produzida no estúdio que faz parte das dependências da UFPE, processo esse também narrado no item 3. Por conseguinte, houve a necessidade de completar a ideia dessa imagem com uma segunda que fizesse referência ao conceito que atravessava fundamentalmente a produção da fotografia primeira: pontos de toque com o eterno-efêmero dos sujeitos, sendo aqui a proposta de retratar os reflexos de Gaia na construção do *eu* existente nestes e os diálogos dessa relação nos traços físicos de cada um.

Partindo desse ponto, foi feita uma busca no site através da *hashtag* “nature” – natureza, em inglês, uma vez que a palavra assim grafada possivelmente traria mais imagens que a procura por meio da palavra *natureza*, em português, visto que o inglês se trata de um idioma considerado universal. Por meio deste processo, muitas imagens foram baixadas com o objetivo de testar as sobreposições a fim de torna-las parte integrante do projeto inicial, até que por fim a imagem que hoje compõe parte da fotografia resultante foi encontrada. Após o processo de busca e do encontro da imagem desejada, o processo seguinte foi o de ajustar a imagem produzida em estúdio e a que foi retirada do We Heart It para que ambas coexistissem de maneira simbiótica, se complementando, portanto.

O programa utilizado como mecanismo de junção foi o PhotoScape, software de edição de imagens que se assemelha ao Adobe Photoshop em algumas de suas funções, se diferenciando apenas por conta do fácil acesso às suas funções e por não produzir projetos gráficos com a qualidade do seu concorrente, sendo usado, nesse sentido – e de maneira geral –, por pessoas que estão iniciando no campo da edição imagética.

A produção da imagem para a recepção da sobreposição foi básica, incluindo apenas correção de contraste e brilho. A fotografia originalmente foi tirada em preto e branco, uma vez que sua finalidade já havia sido preestabelecida desde a concepção do projeto. O preto e branco cooperariam, de acordo com a lógica do planejamento, para que a composição se revestisse de dramaticidade. Cooperaria também para a visualização da relação homem-natureza como um único corpo, visto que a imagem sobreposta deveria completar em tom e forma a primeira.

Esse processo de integração de imagens *copyleft* às composições que originam imagens artísticas, como é o caso do trabalho que aqui se apresenta, faz parte da discussão em torno dos processos de hibridização e formas de veiculação que permeiam a cibercultura contemporânea. Essa, por sua vez, como pontua André Lemos, “é fruto de influências mútuas, de trabalho cooperativo, de criação e de livre circulação de informação através dos novos dispositivos eletrônicos e telemáticos”, o que nos leva a discutir a questão de autoria no mundo cibernético.



Foto produzida em estúdio



Imagem retirada do We Heart It



Gaia e os elementos do eu

O que há de importante nesses movimentos não são tanto as possibilidades técnicas, mas as formas de trabalho cooperativo que daí surgem. Mais ainda, além da forma cooperativa de trabalho, trata-se de buscar adicionar, modificar o que foi dito, escrito, gravado, sem a lógica proprietária, sem a dinâmica da acumulação e do segredo. (LEMOS, 2004, p. 11).

Nesse sentido, e tomando como base as teorias apresentadas, tem-se então que o processo artístico da fotografia apresentada não é menor porque tem parte do seu processo desenvolvido a partir da lógica do *copyleft*, uma vez que esse processo é parte integralizada da cultura contemporânea e só cresce graças aos espaços virtuais de compartilhamento, resinificando, dessa forma, a ideia de autoria, assim também como ressignifica os processos artísticos que atravessam essa.

## 6. CONSIDERAÇÕES

A partir da experiência da produção de "Gaia e os elementos do eu", assim como a vivência das aulas de Introdução à Fotografia, foi possível compreender a fotografia como ferramenta que nos possibilita pensar questões do cotidiano social e individual. O ato fotográfico, dessa maneira, pode trazer desvelamentos enriquecedores para o meio acadêmico. Somente neste trabalho, por exemplo, foram pontuadas questões referentes ao corpo; à necessidade que o ser humano possui em conjugar verdades para continuar acreditando na sua própria existência; o ser humano como parte de uma macroestrutura que pode nos ajudar a pensar a essência da vida. Além desses pontos, que, apesar de ser tratados não se esgotaram em si, a fotografia parte de uma linguagem universal que ultrapassa as barreiras das línguas, podendo atingir públicos maiores.

Não me limitar sendo mera observadora da imagem, participando da composição das fases processuais desta fotografia, pensando o ato fotográfico como parte de uma ciência e não apenas de uma fração de segundos nos quais foi possível capturar "Gaia e os elementos do eu" foi um exercício reflexivo que esta cadeira me proporcionou. Pude pensar, através desta experiência, o sentido do *estar no mundo*. Pretendo, por tanto, desenvolver este olhar em outros momentos, tanto na instituição superior quanto fora dela. Esse exercício veio somar não somente como uma produção acadêmica, mas principalmente como uma prova cabal da existência humana como figura interligada a todas as outras estruturas existentes; relações simbióticas e sistêmicas que andam lado a lado compondo a realidade que nos circunda; compondo as verdades que nos asseguram da realidade de nossas existências, como pontuou Nietzsche ao tratar do conceito de verdade em sua obra *Vontade de Potência*.

A fotografia, neste processo, é parte integrante e indissociável da cultura popular visto suas utilidades cotidianas na era digital e suas precedências históricas. Sua transformação e existência, nessa linha, corrobora com o desenvolvimento da ciência, das linguagens e das expressões extra-sensoriais, necessária, por fim, aos sujeitos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADES, D. **Fotomontaje**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2002.

BENJAMIM, W. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. Disponível em: <<http://www.mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf>> Acesso em: 21/04/2015.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: 2ª Ed. Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, P. **O camponês e seu corpo**. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a07n26.pdf>> Acesso em: 21/04/2015.

CAMARGO, G. A. **Sobre o conceito de verdade em Nietzsche**. Disponível em: <

<http://tragica.org/artigos/02/07-gustavo-camargo.pdf>> Acesso em: 21/04/2015

GREEN, D. **¿Qué há sido de la fotografia?** Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2007.

LEMOS, A. **Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft”?** Disponível em:

<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewFile/3416/2486>> Acesso em: 21/04/2015

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, F. **Vontade de Potência**. Disponível em:

<<http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Nietzsche,%20Friedrich/Friedrich%20Nietzsche%20-%20Vontade%20de%20Pot%C3%Aancia.pdf>> Acesso em: 21/04/2015

PÉREZ, D. **La certeza vulnerable: cuerpo y fotografia em el siglo XXI**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2004.

RAHDE, M.B.F., CAUDURO, F. V. **Imagens e Imaginários: do moderno ao pós-moderno**. 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/180/181>> Acesso em: 21/04/2015

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2004.